

REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO DO CURSO DE EXTENSÃO “O GOLPE DE 1016 E O FUTURO DA DEMOCRACIA NO BRASIL” NA VIDA ACADÊMICA DA UFRPE²

CARLOS ANTONIO ALVES PONTES³

RESUMO

Este artigo faz uma breve discussão acerca de aspectos epistemológicos envolvidos no saber-fazer das Universidades em seu processo de construção de conhecimento e de cidadania, chamando a atenção para as implicações éticas a que estão submetidos os conhecimentos no campo das Ciências Humanas e Sociais (CHS); e anuncia abordagens dos mais diversos ramos das CHS para o esclarecimento dos significados do golpe de 2016 e para a projeção de ações em defesa da Democracia.

Palavras-chaves: Golpe, Epistemologia, Ciências Humanas e Sociais, Democracia.

REFLECTIONS ON THE EXTENSION COURSE “THE COUP OF 2016 AND THE DEMOCRACY IN BRAZIL FUTURE” AND ITS INSERTION IN THE ACADEMIC LIFE OF UFRPE

ABSTRACT

This article makes a brief discussion about the epistemological aspects involved in the Universities' know-how in their process of knowledge and citizenship construction, drawing attention to the ethical implications of the knowledge in the field of Human and Social Sciences (HSS); and announces approaches from the most diverse branches of the HSS to clarify the meanings of the Coup of 2016 and for the projection of actions in defense of Democracy.

Keywords: Coup, Epistemology, Humanities and Social Sciences, Democracy.

Numa primeira colocação, gostaria de registrar que o Curso de Extensão, que ora se inicia, é fruto da mobilização de um coletivo de Professores(as) da UFRPE, em parceria

2. Palestra proferida na abertura do Curso de Extensão “O Golpe de 2016 e o futuro da Democracia no Brasil”, em 02 de Maio de 2018.

3. Professor de Filosofia e então Diretor do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE.

com a ADUFERPE, tendo o Departamento de Ciências Sociais, DECISO, como agente de sua viabilização, tanto do ponto de vista administrativo quanto acadêmico. Aqui agradecemos a confiança de termos sido convidados para sua coordenação.

Dito isto, gostaria, agora, de invocar uma frase que está estampada em uma faixa, bastante visível, na entrada do CEGOE⁴, colocada com finalidade de dar boas vindas aos calouros, já que estamos nos inícios do semestre letivo de 2018.1. Diz a faixa: “Seja bem-vindo (a) uma jornada rumo à construção do conhecimento”.

Diria que essa frase está incompleta e é insuficiente para dizer o que realmente fazemos na Universidade. Eu acrescentaria um “s” na palavra “conhecimento” e incluiria a palavra “cidadania”, que justifico no fecho da minha fala. Por que o “s”? Porque a Ciência é plural. Não há “a” Ciência e sim Ciências. E o lugar das Ciências é a Universidade.

A Universidade só é nomeada como tal porque dá conta de um amplo espectro das Ciências, que vai desde às Ciências Formais, que prescindem de conteúdos empíricos⁵, passando pelas Ciências Empíricas, ou Factuais, ou, ainda, Reais, quer sejam aquelas que lidam com as realidades físico-naturais, Ciências Naturais, quer sejam aquelas outras que buscam conhecer as realidades sócio-culturais, Ciências Humanas e Sociais.

Frente a essa diversidade, há de se perguntar se é possível que tais Ciências possam ser olhadas em seu conjunto, que num lance de visão se possa identificar distinções entre elas. Evidente que há muitas maneiras de fazer isto. Arrisco-me, aqui, em propor um olhar que enxerga deslocamentos que as Ciências Empíricas, particularmente as Ciências Humanas e Sociais, fazem em relação à antiga episteme grega. Em poucas palavras, pode-se dizer que episteme⁶ é Ciência, conhecimento do universal e do necessário, e a ela se chega por Demonstração. O que é o caso das Ciências Formais. Agora, quando são colocadas em foco as Ciências Empíricas Naturais, aquelas que vão se constituir no início da Modernidade, percebe-se que tais Ciências não mais conseguem atingir o ideal cognitivo representado pela antiga episteme grega.

Se as Ciências Formais, como as Matemáticas, se justificam realizando demonstrações, as Ciências Naturais, como as Físicas⁷, vão se realizar buscando oferecer, não mais demonstrações, mas descrições da realidade físico-natural. O que se pode destacar aqui é que é possível detectar um primeiro deslocamento, que eu chamo de epistêmico, em relação ao referencial do ideal cognitivo da antiga episteme grega. O que as Ciências Naturais buscam são explicações causais para descrever as realidades físico-naturais e não podem prescindir da observação e da experimentação.

4. CEGOE/UFRPE - Centro de Ensino de Graduação Obra Escola.

5. Cf. Da Costa, N. C. A. “O conhecimento Científico”. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.

6. Cf. Gobry, I. Vocabulário grego de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

7. Usei o plural em atenção ao fato de que a Física é plural, isto porque, dispõe e convive com teorias irreduzíveis entre si, com é o caso da Teoria da Relatividade e da Mecânica Quântica.

Com o surgimento e rápida transformação das Ciências Humanas, vai ficando claro que já não é mais possível buscar explicações meramente causais para abordar as realidades sócio-culturais. Isto porque, entram no jogo algo que está fora do campo epistêmico, me refiro aqui aos significados, e que, por isso, estou chamando de semântico esse novo deslocamento que fazem as Ciências Humanas em relação ao ideal cognitivo de referência. Assim, as Ciências Humanas vão buscar explicações interpretativas⁸, ou seja, explicações que lidam com significados. O ideal agora é compreender as realidades sócio-culturais.

As compreensões podem ser feitas de diferentes pontos de vista, com a utilização de diversas ferramentas teórico-conceituais e metodológicas que vão gerar variadas interpretações das realidades sócio-culturais. Essas interpretações, para se manterem no campo das Ciências, precisam ser submetidas à crítica, ao diálogo, ao incessante exame rigoroso de sua validade ou fidedignidade, ou seja, se são dignas de confiança como conhecimento válido.

Como as interpretações não têm apenas valor contemplativo, mas incidem, e passam a fazer parte da vida política das sociedades, percebe-se aqui que um outro deslocamento se mostra premente, que é aquele de natureza ética. Com efeito, dada as variadas possibilidades na construção de explicações compreensivas, se torna necessário fazer escolhas, tomar decisões acerca de qual caminho narrativo queremos percorrer, o que envolve valores, desejos, projetos, visão de mundo, etc. Então, o deslocamento ético nos convida, nos incita a, conscientemente, entender as razões pelas quais julgamos que um caminho interpretativo é melhor que outro.

Pois bem, o Curso de Extensão “O Golpe de 2016 e o futuro da Democracia no Brasil”, parece cumprir o que foi proposto para re-escrever a faixa de boas-vindas afixada na entrada do CEGOE. Senão, vejamos.

O título do curso pode ser dividido em duas partes.

A primeira busca compreender os vários significados do “golpe”, inclusive aqueles associados à sua negação, feita pela mídia corporativa, nativa, e também por parte, pequena é verdade, de alguns setores da esquerda político-partidária do país. Em “cognição sumária”, para usar uma expressão ao gosto de um dado importante magistrado, a Grande Mídia nega o Golpe, nega a narrativa do Golpe. Dessa forma, os módulos temáticos, que sucederão a esta abertura, pelas próximas quinze semanas, irão abordar, pelos mais diversos ângulos e pontos de vistas propiciados por um amplo leque de especialidades das Ciências Humanas e Sociais, os significados e interpretações possíveis do “Golpe de 2016”,

8. Cf Domingues, I. Epistemologia das Ciências Humanas. Tomo 1 Positivismo e Hermeneutica. São Paulo: Loyola, 2004.

no sentido de esclarecer e trazer à tona razões e motivações desse acontecimento, bem como suas consequências para a vida dos(as) brasileiros(as). As abordagens projetadas no curso também contarão com o concurso de agentes públicos não vinculados diretamente ao mundo acadêmico-científico, mas com forte inserção na cena política regional e nacional.

A segunda parte do título, “O futuro da Democracia no Brasil”, nos remete diretamente para a dimensão ética, que vai realçar e ratificar a Democracia como valor máximo a ser defendido, como orientação para escolhas de possibilidades de caminhos narrativos, de construção de uma convivência fraterna, inclusiva, de respeito às diversidades, enfim, para a construção e sustentação de um verdadeiro estado democrático de direito. Em uma palavra para a construção de cidadania.

Portanto, assim espero, e acredito que o curso será, nos dizeres modificados da faixa de boas-vindas, uma jornada rumo à construção de conhecimentos e também de cidadania. Obrigado.

Recebido em: 20 de março de 2019.

Aprovado em: 13 de maio de 2019